

Obras de Arte

Acervo do TRE-RN

(2018-2020)

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Obras de Arte

ACERVO DO
TRE-RN
(2018-2020)



Assessora
Virgínia Coelli Rocha da Cruz

Capa
W. Padmé
Preparação e textos
Rey Vinas
Revisão
Fernanda Gabriela
Catalogação
Carlos José Tavares da Silva
Fotografia das obras de arte
Renato Vilar de Lima
Fotografia dos artistas
Acervo dos autores

Desembargador Glauber Antonio Nunes Rêgo
Presidente

Desembargador Cornélio Alves de Azevedo Neto
Vice-Presidente

Dr. Carlos Wagner Dias Ferreira
Juiz Federal

Dr. Geraldo Mota
Juiz de Direito

Dr. Ricardo Tinoco de Goes
Juiz de Direito

Dra. Adriana Cavalcanti Magalhães Faustino Ferreira
Jurista

Dr. Fernando de Araújo Jales Costa
Jurista

*

BRASIL. Tribunal Regional Eleitoral (RN).
Obras de arte : acervo do TRE-RN (2018–2020) / Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande
do Norte / Ascom. – Natal : TRE-RN, 2020.
118p.
ISBN 9798666335505
Il. color.

1. Artes plásticas. 2. Pinturas. 3. Esculturas. 4. Fotografias. I. Título. II. Tribunal Regional
Eleitoral do Rio Grande do Norte.

CDUD 730
CDU73

PROCURADORA REGIONAL ELEITORAL

Dra. Caroline Maciel da Costa

Simone Maria de Oliveira Soares Mello
Diretora-Geral

Andréa Carla Guedes Toscano
Secretária de Administração, Orçamento e Finanças

Maria Teresa Farache Porto
Secretária de Gestão de Pessoas

Lígia Regina Carlos Limeira
Secretária Judiciária

Marcos Flávio Nascimento Maia
Secretário de Tecnologia da Informação e Comunicação

“A arte é a imagem de um destino: indica para onde deveríamos ir.
E também pode dar algumas pistas de como chegar lá.”

Alain de Botton & John Armstrong

O Judiciário Eleitoral há mais de uma década posiciona-se entre as instituições públicas que na prática atribuem valor diferenciado ao patrimônio artístico e cultural do país. Há 12 anos, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) inaugurava, sob a gestão do ministro Marco Aurélio Mello, o Centro Cultural da Justiça Eleitoral (CCJE) no Rio de Janeiro, em um imponente prédio histórico da rua 1º de Março (Centro). Após seis anos de inatividade, o CCJE foi por fim reativado na gestão do ministro Gilmar Mende, em dezembro de 2016, e abre até hoje seus espaços a eventos musicais e exposições de obras de arte, entre outras manifestações, sob a coordenação do TSE.

Seguindo esse mesmo espírito e compromisso, o TRE-RN, após a inauguração de sua nova sede, na avenida Rui Barbosa (Tirol), também votou atenção às manifestações culturais, reconhecendo a importância de a instituição atuar para promover a produção artística do Rio Grande do Norte, por meio do estímulo à livre criação individual e coletiva.

Assim é que a gestão do desembargador Glauber Rêgo lançou um específico programa voltado às artes e à cultura, em especial às artes plásticas, a partir do estabelecimento de uma política de promoção cultural (Resolução nº 57/2018). Essa política considerou a necessidade de o TRE-RN possibilitar que ocorram em seus espaços eventos e exposições que divulguem a produção artística, sobretudo a local, em suas mais diversas formas.

Dentro desse programa, foram realizadas até agosto de 2020 quatro exposições de artes plásticas e fotografias, na Esplanada do edifício sede do Tribunal: duas individuais, dos artistas plásticos Vagner Autuori (pintor) e Demétrius Coelho (escultor), realizadas nos meses de dezembro de 2018 e novembro de 2019, respectivamente; e duas coletivas, dos artistas Jayr Peny, Sávio Bezerra e Alex Jr., da Galeria Iguales, e dos fotógrafos Canindé Soares e Flávio Rezende, ocorridas no mês de novembro de 2019.

Em decorrência dessas exposições, e principalmente pela generosidade de colecionadores-doadores, foram presenteadas ao Tribunal cerca de 50 obras de arte, entre desenhos, pinturas, esculturas e fotografias, que após serem identificadas e catalogadas passaram a compor o acervo da instituição.

Essas obras encontram-se hoje instaladas em vários dos ambientes do Regional, e para que pudessem estar organizadas num corpus mais sistemático, este catálogo as reuniu em uma publicação que apresenta, além da fotografia das peças, uma breve biografia dos autores e, sempre que possível, comentários sobre a técnica pictórica/escultórica empregada e o estilo da obra.

Sumário

Azol, 13
Carlos Soares, 19
Thomé Filgueira, 23
Boulier, 27
Careca, 31
Newton Navarro, 35
Aquarelas de Newton Navarro, 49
Irahy Leite, 71
Assis Marinho, 77
Vagner Autuori, 81
Iaperi Araújo, 85
Iaponi de Araújo, 89
Túlio Fernandes, 93
Dorian Gray, 97
Demétrius Coelho, 101
Flávio Rezende, 105
Canindé Soares, 109
João Raimundo (Jotaray), 113

Azol



Sergio Azol iniciou-se no mundo da arte muito cedo. Toda a infância e adolescência, o artista passou envolvido com o cinema. Era quase uma obsessão. E muitas vezes ele se imaginou sendo transportado para o cenário dos filmes, querendo viver a experiência dos personagens.

A paixão pelo fictício e pelo irreal o levou a criar um mundo próprio, um universo particular povoado por seres fantásticos que ele procurava materializar nas páginas de seus cadernos escolares. A imaginação prodigiosa, contudo, devia-se ainda ao fato de o artista ter vivido parte da infância e da juventude em lugares tão distintos quanto Natal, São Paulo e Porto Alegre (no Brasil), Fort Worth, Los Angeles e Miami (nos EUA).

Com o passar dos anos, Azol viu crescer seu entusiasmo pelas artes visuais, a tal ponto que ser artista se tornou para ele uma missão de vida; decidiu então estudar cinema, design gráfico e ilustração nos Estados Unidos, onde obteve o diploma de bacharel pela Universidade de Miami (1992). Azol também produziu filmes, vídeos e conteúdos para a web, e trabalhou ainda com marketing e publicidade.

Um dos principais temas de Azol é o cangaço, a figura icônica de Virgulino Ferreira, o Lampião, que o artista considera o criador de uma estética sofisticada e singular, fundada numa simbologia mística, inspirada na cultura nordestina.

Em torno desse personagem, Azol criou um grande número de telas em preto e branco e coloridas, algumas em grande formato, como os dois painéis em MDF que ele doou para o TRE-RN e que se encontram instalados no 5º andar da sede do Tribunal, onde estão localizadas a Presidência e as unidades estratégicas da instituição.

O artista montou seu estúdio em São Paulo, cidade onde reside atualmente.



“Um aspecto que me fascina nas artes visuais é o impacto que elas têm sobre o ser humano, a reação que desencadeiam.

Somos impactados emocional e intelectualmente.

Há algum tempo eu vinha buscando uma reaproximação com a minha cultura, um contato com as minhas raízes. Aí me deparei com esse gigante mitológico chamado Lampião. Encontrei nele e em seu legado estético a oportunidade de materializar na tela a ideia de provocação plástica.

Lampião é o criador da identidade visual do cangaço, ancorada especialmente no misticismo arcaico, em que o homem busca na divindade proteção e blindagem para cumprir sua missão. Para isso, Lampião construiu uma complexa estrutura de bordados, apliques e símbolos que serviam não apenas para decorar roupas, acessórios e armamentos, mas também tinham a intenção de funcionar como escudo místico.”

Azol

Título: **Virgulino Ferreira da Silva (Lampião)**

Artista: Azol

Técnica: Tinta acrílica sobre MDF

Dimensões: 2,80m x 1,87m

Ano: 2016

Doador: Azol



“Apesar da trágica história do cangaço, o universo de Lampião nas obras de Azol é pleno de fantasia e de referências ao sertão nordestino, com sua fauna e sua flora, além de toda a riqueza da cultura popular. É um universo único, que o artista, nordestino de nascença, compartilha com Lampião. As composições expressam desligamento do concreto e negação da realidade, caracterizadas pela distorção das imagens e fragmentação das figuras, e pelo uso de cores vibrantes. Azol atribui esse resultado visual a sua origem nordestina, sua formação em cinema e artes gráficas, sua atração pela estética do cinema expressionista alemão e sua admiração pela arte de Pablo Picasso, Jackson Pollock, Marc Chagall, Di Cavalcanti, Portinari, Iberê Camargo, Van Gogh e Jean-Michel Basquiat.”

(Do site azol.art.br)

Título: **Maria Gomes da Silva (Maria Bonita)**
Artista: Azol
Técnica: Tinta acrílica sobre MDF
Dimensões: 2,80m x 1,87m
Ano: 2016
Doador: Azol





Carlos Soares

Carlos José Soares atuou como artista plástico por 40 anos, antes de falecer em janeiro de 2020, aos 62 anos. Sagrou-se ao longo desse tempo o mais premiado pintor potiguar. Contava então mais de 300 exposições, entre mostras individuais e coletivas.

Versátil, transitou entre o figurativo e o abstrato, realizando uma pintura de cores vivas e impactantes, em geral primárias, que dominaram sobretudo as experiências em que aliava o gestual à *color field* (pintura de campos de cor). Trabalhou ainda como designer gráfico e como diretor de arte no campo da publicidade.

O início de sua trajetória foi autodidata, com uso do bico de pena, estimulado pela mãe, também pintora. O reconhecimento da crítica e do mercado ocorreu na década de 1970, após o artista ter conquistado prêmios importantes em âmbito local e realizar exposições em todo o Brasil e na Europa.

Nos últimos anos, dedicava-se exclusivamente à pintura. Em 2017, participou de uma exposição coletiva em Nuremberg, na Alemanha, e outra no Rio de Janeiro, sob curadoria de Lisandra Miguel. Em 2018, teve uma de suas obras exposta na Arte Borgo Gallery, em Roma, ao lado de trabalhos de outros artistas brasileiros.

Um de seus temas prediletos foi o cancaço, em torno do qual desenvolveu uma série de 36 criações a bico de pena e uma dezena de peças em tinta acrílica sobre tela.

A tela “Abstrato 35”, que ele doou para o TRE-RN, encontra-se instalada no gabinete da Diretoria-Geral.



“As artes plásticas em Natal foram mais vigorosas nas décadas de 1980 e 1990. Havia a Galeria de Arte Grafith, da arquiteta Beth Câmara; a Biblioteca Câmara Cascudo; a Galeria do Povo, coordenada pelo Eduardo Alexandre; a Taba Galeria de Arte, do Issac Alves; a Galeria UM, de Ubirajara e Marlene Galvão; e a antiga Galeria de Arte Contemporânea, de Antônio Marques. Foi um período em que se realizaram muitas exposições e eventos, como o Salão Newton Navarro, o Prêmio Governador do Estado e o Festival de Arte do Forte, entre outros. Havia uma efervescência muito grande. Hoje se destacam o espaço da Capitania das Artes e o grande incentivo dado pelos arquitetos, que indicam artistas plásticos para os seus projetos de ambientação, além do espaço disponibilizado por lojas da cidade, como a Artkasa. Temos também a iniciativa de alguns artistas que abriram galerias de arte próprias, como o escultor Demétrius Coelho.”

Carlos Soares



Título: **Abstrato 35**

Artista: Carlos José Soares da Silva

Técnica: Tinta acrílica sobre tela

Dimensões: 1,60m x 1,00m

Ano: 2019

Doador: Carlos Soares

Thomé Filgueira



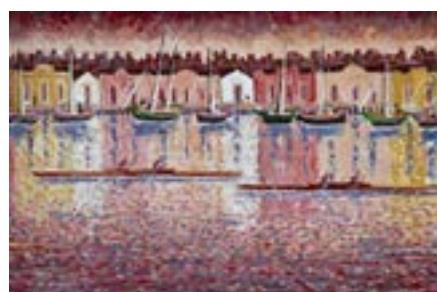
Thomé Filgueira (1938-2008) fez parte da segunda geração de artistas plásticos modernistas do Rio Grande do Norte, ao lado de Newton Navarro e Dorian Gray, e teve como principal influência o impressionismo de Monet e Renoir, mas também se deixou seduzir pelo expressionismo abstrato, que ele trouxe na bagagem após viver uma temporada nos Estados Unidos, na década de 1950, quando ocorreu a efervescência desse estilo, eternizado pelas mãos de Willem de Kooning, Joan Mitchell, Helen Frankenthaler, Lee Krasner, Jackson Pollock e Robert Motherwell, entre outros.

A essa mistura de influências, Thomé juntou os elementos iconográficos nordestinos, a paisagem do sertão, especialmente as tardes bucólicas do vale do Ceará-Mirim, onde está localizada a fazenda Entre Rios, cenário de muitas de suas telas, sobretudo as mais intimistas, ainda que ele tenha vivido a maior parte da vida em Natal.

Nos anos 1960, Thomé Filgueira realizou exposições nos EUA, e em 1974 participou da Bienal de São Paulo. Seus trabalhos também se destacaram em exposição realizada na Academia Brasileira de Letras (RJ).

Em abril de 2019, a galeria de arte do Complexo Iguales realizou uma retrospectiva do trabalho desse artista intitulada “Entre Usinas e Rios”, contemplando a produção de Thomé em três períodos. Essa mostra procurou fazer uma “leitura sentimental” da trajetória criativa do pintor, em que se evidenciam a fluidez e a suavidade das criações da década de 1970, influenciadas pela experiência da paternidade; a inquietude emocional decorrente do fim do primeiro casamento (1980), que carreou para a obra do artista a convivência opositiva e vivaz entre luz e sombra; e a fase de plena experimentação (1990), quando Thomé se permitiu trilhar caminhos inusitados.

A iconografia de Filgueira estabelece um registro muito pessoal dos canaviais e engenhos de Ceará-Mirim, e também do rio Potengi, em Natal, além de estar povoada pelas paisagens bucólicas do litoral do Rio Grande do Norte.



“Nos últimos anos de vida, papai fez alguns experimentos absolutamente inusitados. Pintou até o fundo do mar. Essas telas são raras. É uma fase alegre, mesmo com ele já sofrendo os efeitos da depressão.”

Fabrício Finizola



Sem Título

Artista: Thomé Filgueira

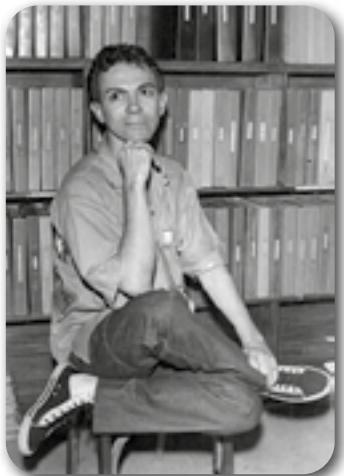
Técnica: Óleo sobre chapa de fibra natural

Dimensões: 0,65m x 0,50m

Ano: 1983

Doador: Família de Renira Mota de Lucena (*In Memoriam*)

Boulier



José Boulier Cavalcanti Sidou nasceu em Mossoró (RN), em 1949. Desde criança, desenhava e coloria. Aos 18 anos, foi encaminhado à Escola de Belas Artes de São Paulo, e de lá voltou com uma formação pictórica que favoreceu sua predileção por executar retratos estilizados, para os quais buscou muitas vezes inspiração no cangaço e na iconografia popular nodestina. Os rostos que pintava estavam quase sempre de perfil ou pareciam incompletos, e se aproximavam muito mais de máscaras do que de figuras humanas, como que procurando desvendar o universo interior, a alma, a psique.

Aficionado pelo carnaval, Boulier dedicava-se todos os anos a criar painéis, estandartes e adereços para a decoração de festas momescas, dentre as quais uma resultou inesquecível: um conjunto de palhaços que concebeu para o prédio da Norsal, empresa produtora de sal marinho com instalações no Rio Grande do Norte.

Grande folião, Boulier desfilava nos meses de fevereiro suas criações reluzentes pelos bailes carnavalescos e pelas avenidas enfeitadas da cidade de Mossoró.

Em seu ateliê, dedicava-se também a dar aulas de desenho e pintura. Com isso, incentivou muitos talentos da nova geração a manterem vivo o interesse pelas artes visuais. Assim, marcou de forma indelével a vida cultural mossoroense, enquanto viveu.



“Eros e Psiquê se confrontaram no artista. Pássaro degolado, na permanente agonia do desassossego imanente. A arte não conseguiu apartar o embate anunciado. A arte não cumpriu seu papel histórico de galvanizar a alma, pagando o preço de demandas interiores que o sufocavam. A arte não conseguiu sublimar a tempestade interna.

Morrem jovens aqueles a quem os deuses amam?”

Márcio Dantas

Título: **Mulher cangaceira**
Artista: José Boulier Cavalcanti Sidou
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 0,64m x 0,50m
Doador: David de Medeiros Leite



Careca

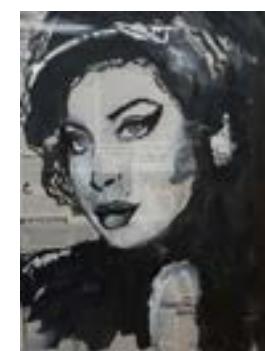


Carlos Antônio Figueiredo (Careca) nasceu em Mossoró, em 1961. É um dos mais conhecidos artistas plásticos da cidade. Seu pai, José Damázio, artesão da madeira que fazia móveis por encomenda, faleceu quando o pintor contava apenas 10 anos de idade e não chegou a conhecer o talento do filho. Ainda menino, Careca gostava de construir carrinhos de madeira, talvez os seus primeiros trabalhos artísticos. No ensino fundamental e no ensino médio, preferia as aulas que envolviam desenho e arte, e recebia elogios dos professores pelos trabalhos que apresentava.

Quando se casou com a educadora física Lúcia Helena, em 1986, e teve de “se virar” para sustentar a casa, sentiu que havia se tornado um artista comercial.

Apesar de ter somente formação autodidata, sentiu necessidade de transmitir o seu ofício a outros vocacionados e criou um curso temporário de pintura que formou muitos novos artistas ao longo de quase duas décadas. “São inesquecíveis as aulas que ministrei para deficientes visuais do Instituto de Cegos de Mossoró, num trabalho voluntário voltado ao conhecimento da arte, à noção de medidas e ao conhecimento das cores. A iniciativa resultou numa bela exposição realizada em um hotel da cidade”, relembrava o artista.

Careca tem formação de educador físico (UERN) e arquiteto (UNP), e desenvolve atualmente projetos de urbanismo e decoração de interiores. A tela que doou ao TRE-RN foi executada ao vivo pelo artista, durante a abertura do 77º Encontro do Colégio de Presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais (Coptrel), ocorrido em Natal no ano de 2019.





“Pinto em vários estilos em função da sobrevivência.
Minha inspiração é o gosto do cliente.

Pinto o que o cliente pede.

Pretendo fazer uma próxima exposição usando bico de pena e
pilot sobre papel canson, com traços bem marcados em preto e
branco.”

Careca



Título: 77º Coptrel

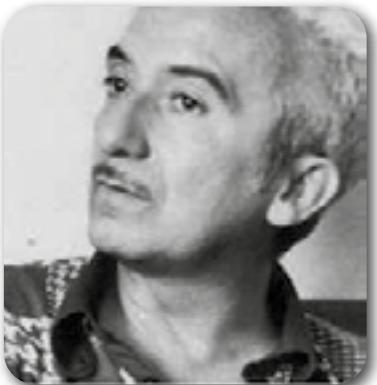
Artista: Carlos Antônio de Figueiredo (Careca)

Técnica: Tinta acrílica sobre tela

Dimensões: 1,20m x 0,70m

Doador: Carlos Antônio de Figueiredo (Careca)

Newton Navarro



Newton Navarro Bilro nasceu em 1928, em Natal (RN). Foi dramaturgo, poeta, contista, desenhista e pintor. Suas obras retratam sobretudo os bairros periféricos da capital norte-rio-grandense, especialmente Redinha e Ribeira, além de cenários, pessoas e ambientes da vida potiguar, o rio Potengi, os becos da cidade, os pescadores na lida cotidiana.

O nome do artista foi atribuído à mais imponente ponte construída no Nordeste, a Newton Navarro, que liga o bairro da Redinha ao bairro da Ribeira, em Natal.

Fez a Faculdade de Direito do Recife, mas não concluiu a formação. Logo após, frequentou o curso livre de Belas Artes na mesma capital, quanto então conviveu com artistas como Lula Cardoso Ayres, Hélio Feijó e Reinaldo Fonseca.

Aprendeu gravura com Oswaldo Goeldi em 1948 e estudou nos ateliês de Aldemir Tavares e Hélio Feijó, em Recife. Foi também discípulo de Aldemir Martins.

Ainda em 1948, participou do I Salão de Arte Moderna do Recife, realizando nesse mesmo ano sua primeira mostra em Natal, uma exposição emblemática na qual os temas e as técnicas que utilizou chocaram os visitantes, habituados aos quadros bucólicos dos artistas da época.

Na década de 1950, teve papel fundamental, juntamente com Dorian Gray, na introdução da estética modernista no Rio Grande do Norte, que resultou na atualização do ambiente artístico regional.

Em 1951, foi a Buenos Aires; em 1964, viajou para Paris. Dois anos depois, retornaria à Europa para expor em Portugal, em Lisboa.

Desenhou capas de livros e ilustrou o suplemento do *Diário de Pernambuco*, além de haver criado painéis para edifícios públicos.

Nos anos de 1967 e 1968, ilustrou álbuns que tiveram como temática o futebol e a cidade de Natal. Doze lâminas de um desses álbuns, intitulado “Futebol”, foram doadas ao TRE-RN. Nesses desenhos, Navarro utilizou, de forma inovadora, um pigmento à base de pó de café diluído em água. O uso da composição criteriosamente planejada em preto e branco é influência de Goeldi.

O artista também publicou livros e produziu peças teatrais. Pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras e foi mentor e primeiro diretor da Escolinha de Artes Cândido Portinari (ligada à Fundação José Augusto), que hoje traz o nome Newton Navarro.

“Sobreveio a crise que fechou criminosamente a Escolinha de Augusto e me perdi de Goeldi. Outras muitas vezes encontrei-o em praças e ruas do Rio. Mas tão absorto ia em suas andanças, que achei melhor não incomodá-lo. Viajava ele, de certo, a sua grande aventura de artista genial. Por que me atravessar em seu caminho, na hora certamente em que via o mundo dentro de um prisma, onde o seu espírito ia recolher os traços, as formas, os movimentos, para depois represá-los nas pranchas?

Agora vem o telegrama informando a sua morte. Vai-se com Goeldi a maior figura da gravura brasileira. Não apenas neste país de filisteus enfrontados e endinheirados falou a sua arte uma linguagem mais alta e mais atuante. Foi muito mais além. Saudou-o desde cedo o último dos maiores expressionistas alemães – Kubb –, visitando certa galeria onde Goeldi expunha. O aplauso veio franco e leal. Sucederam-se mostras de arte nos melhores e mais famosos centros europeus. Expôs com Utrillo e Matisse, e voltando ao Brasil fez mais conhecido o nosso interesse artístico pelas elites de fora.”

Newton Navarro, sobre Oswaldo Goeldi e a gravura

Título: **Futebol** (12 lâminas)

Artista: Newton Navarro

Técnica: reproduções impressas em edição limitada

Dimensões: 0,47m x 0,32cm

Ano: 1970

Doadores: Adriana Magalhães Faustino e Edson José F. Faustino Ferreira















Aquarelas de Newton Navarro

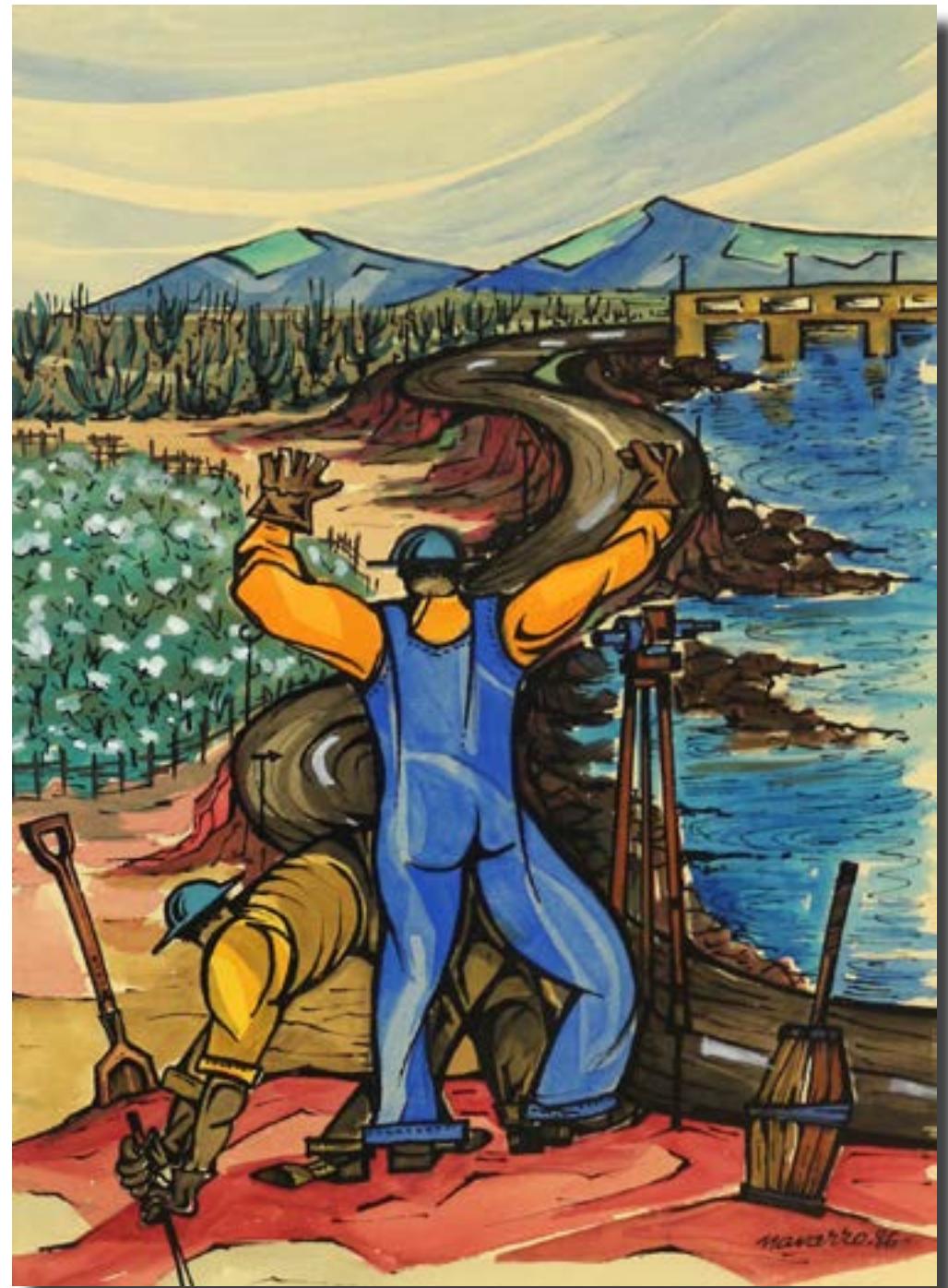
Título: **Aquarelas** (série de 8 peças)

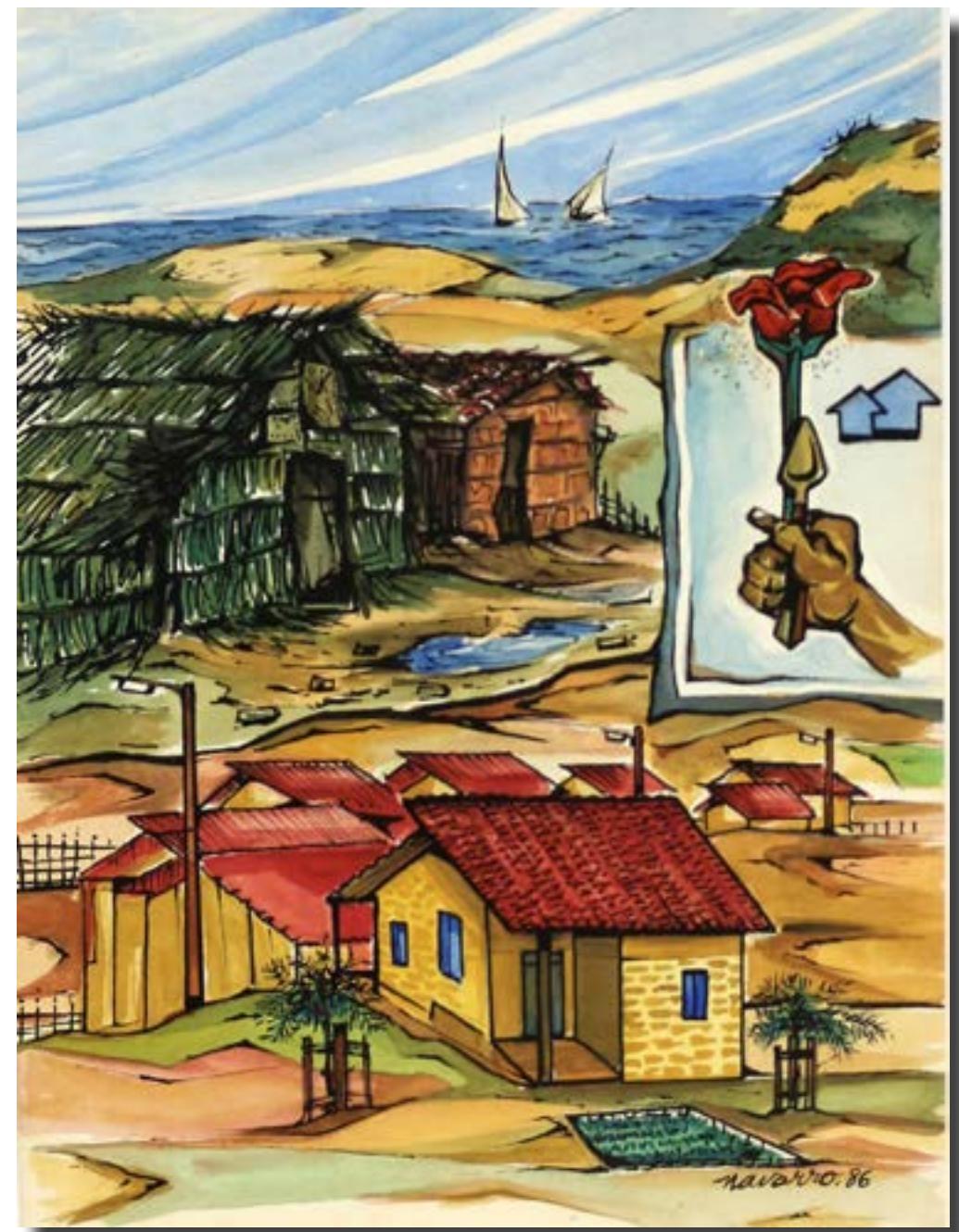
Artista: Newton Navarro

Técnica Mista

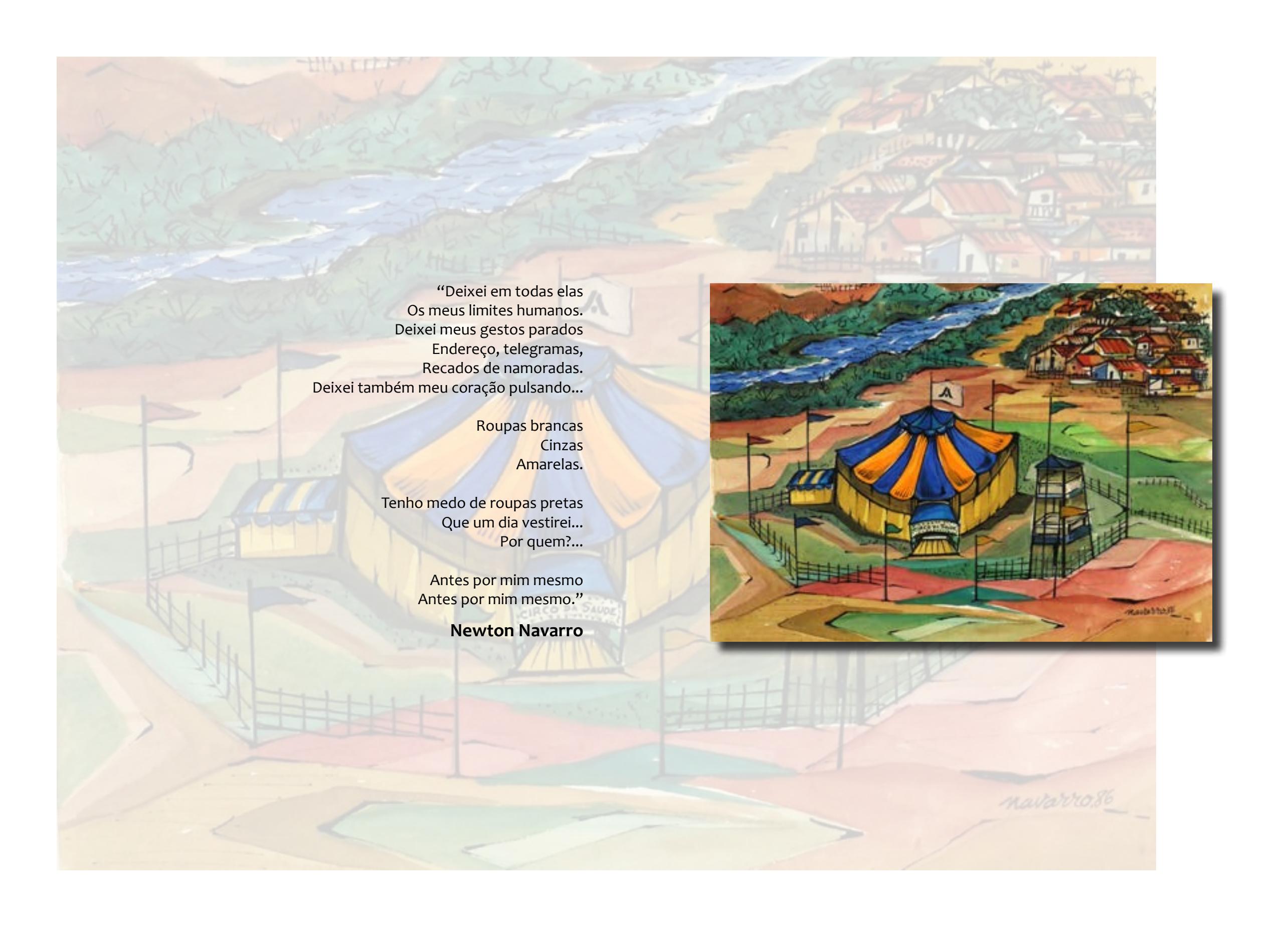
Dimensões: 0,25m x 0,33m

Doadores: Adriana Magalhães Faustino e Edson José F. Faustino Ferreira









“Deixei em todas elas
Os meus limites humanos.
Deixei meus gestos parados
Endereço, telegramas,
Recados de namoradas.
Deixei também meu coração pulsando...

Roupas brancas
Cinzas
Amarelas.

Tenho medo de roupas pretas
Que um dia vestirei...
Por quem?...

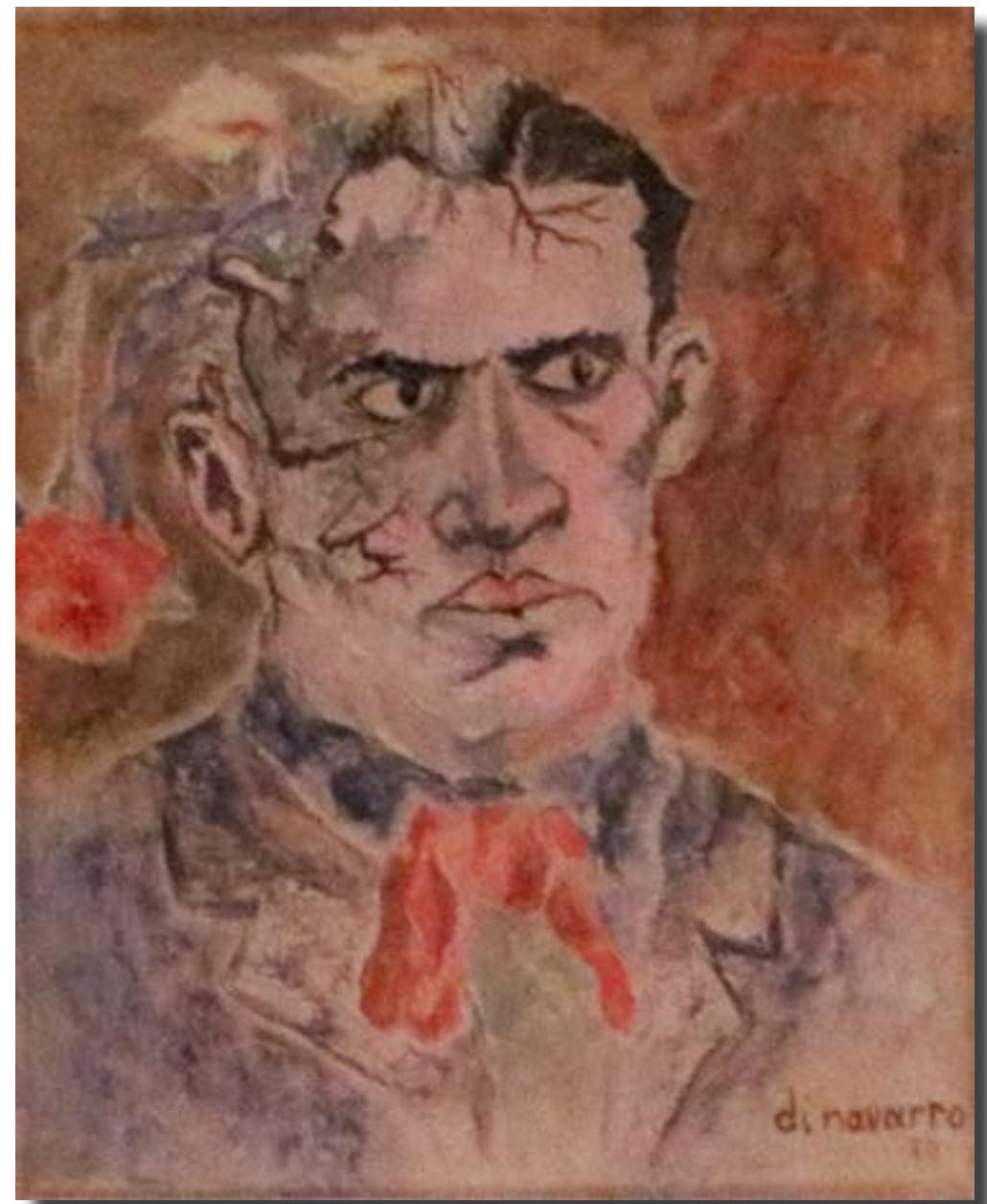
Antes por mim mesmo
Antes por mim mesmo.”

Newton Navarro



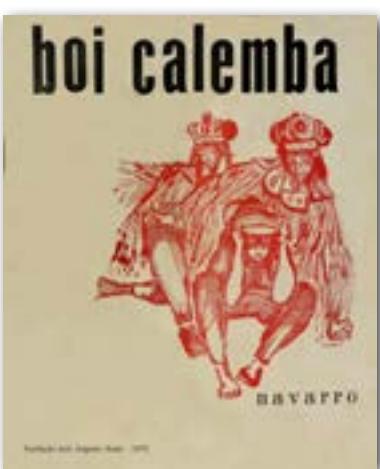
navarro.86

Título: **Retrato do escritor Walfran de Queiroz**
Artista: Newton Navarro
Técnica mista: Aquarela e pastel seco
Dimensões: 0,28m x 0,23m
Ano: 1949
Doador: Armando Roberto Holanda Leite



Título: **Os cavalinhos amando**
Artista: Newton Navarro
Técnica mista: Nanquim e aquarela
Dimensões: 0,25m x 0,34m
Ano: 1949
Doador: Armando Roberto Holanda Leite

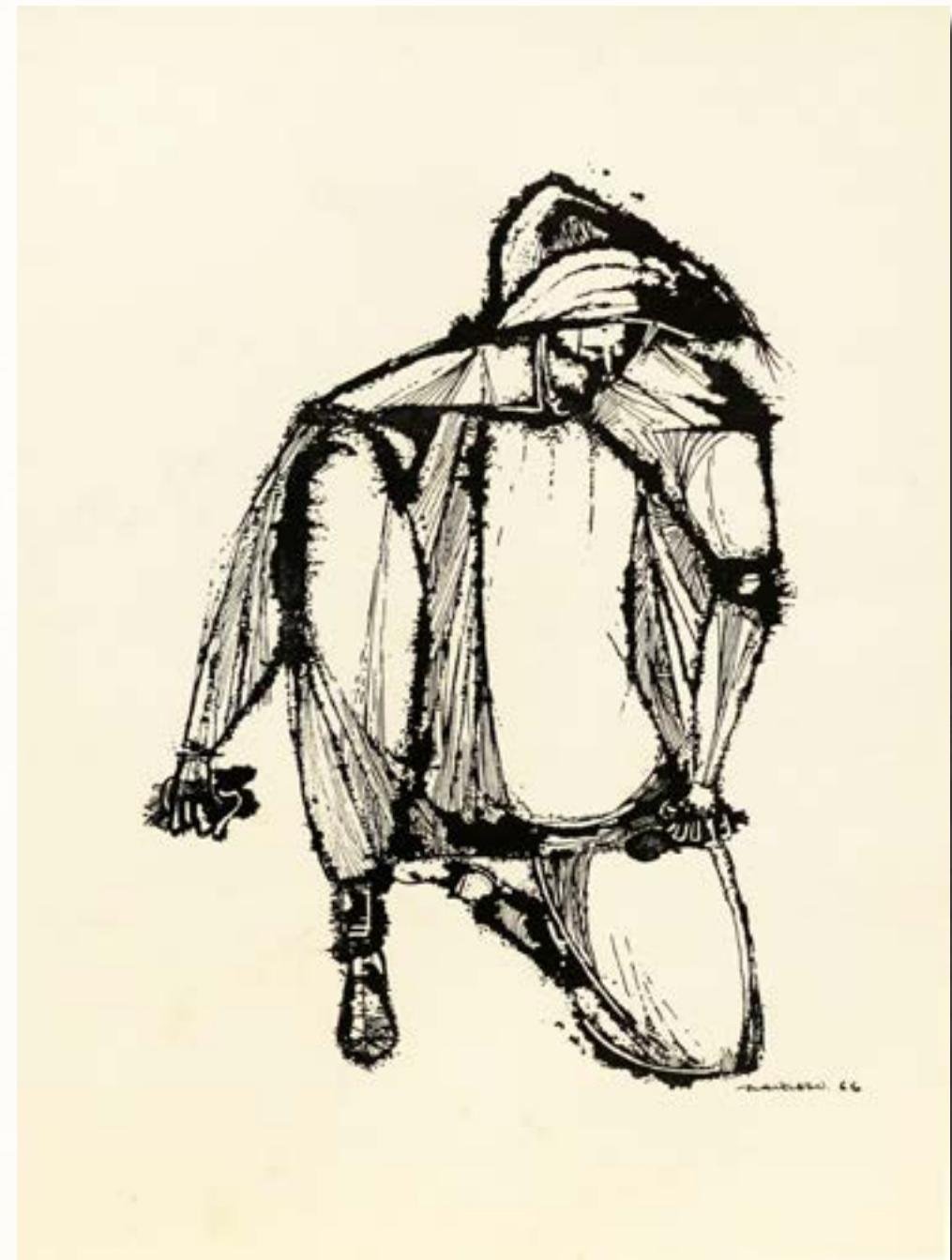




Título: **Boi Calemba** (5 lâminas impressas)
Artista: Newton Navarro
Técnica: Nanquim
Dimensões: 0,32m x 0,38m
Ano: 1973
Doador: Armando Roberto Holanda Leite







"Abri-me a porta, senhor,
Na serena madrugada.
Se não me abre a porta
Não sou feliz nem sou nada."

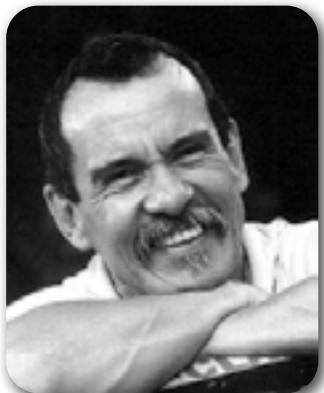
"O anjo, como existe no Brasil, não
acorre em paragem alguma da massa.
HUMBA - MEU - DOL, o primeiro ato
nacional na legitimidade tensões e dor é
no poder assassinato, constante e perverso."

LUIZ DA CUNHA COSTA



Título: Deusa da Justiça
Artista: Newton Navarro
Técnica: Nanquim
Dimensões: 0,63m x 0,47m
Ano: 1980





Irahy Leite

Irahy Leite se iniciou nas artes plásticas impulsionado, segundo ele, pela curiosidade. Engenheiro civil, foi na arte que esse paulistano-natalense descobriu, contudo, sua verdadeira e apaixonada vocação.

Atuando há mais de 40 anos nessa atividade, Irahy é um artista disciplinado e dedicado à pesquisa, sobretudo de técnicas e materiais da tradição pictórica ocidental, como o afresco e a têmpera, em geral somente utilizados por pintores atuais de influência clássica que nutrem interesse diferenciado pela natureza dos suportes e pigmentos.

Irahy foi buscar no Renascimento a motivação essencial de sua obra, que se iniciou figurativa e evoluiu, nos últimos anos, para um sofisticado abstracionismo de caráter geométrico ou de texturas, como se vê nas telas doadas ao TRE-RN por Armando Roberto Holanda Leite.

A figuração que domina os primeiros trabalhos do artista tem clara intenção estético-representativa, fundada num ideal clássico de beleza, influenciada pela arte do século XVI. O abstracionismo informal, posterior em sua trajetória, porém, traz algo que lembra artistas contemporâneos como Sean Scully e Frank Stella, e trai ecos de Paul Klee, Ivan Serpa, Manabu Mabe e Tomie Ohtake.

“Minhas telas têm a intenção de retratar apenas o belo, com prazer, a partir de uma abordagem própria. [...] Gosto de produzir obras renascentistas com ‘rasgões’ na imagem, de forma que o observador seja levado a entender a continuidade do risco. Opto ainda por mesclar pintura com colagem de jornal ao fundo, induzindo a um traço de memória na obra. Tudo orientado para a curiosidade na observação”, explica o artista. Irahy também cria esculturas contemporâneas em ferro e aço.

“A arte é hoje para mim alimento de corpo e alma”, manifesta.



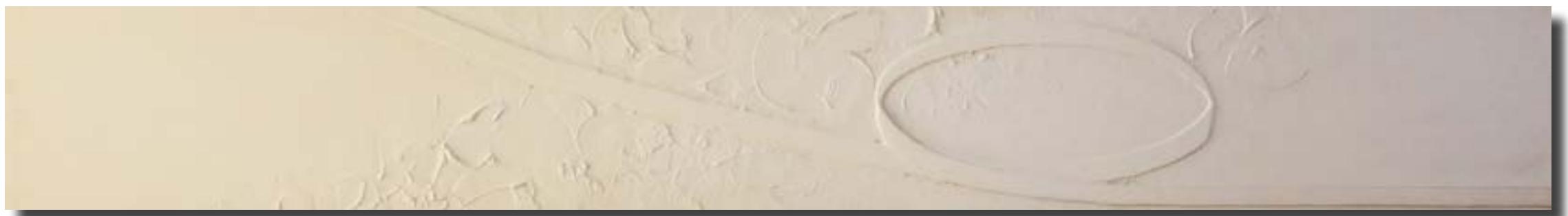


“Eu nunca busquei ser artista plástico; aconteceu de forma espontânea. As artes foram, a cada dia, tomando um pouco mais de espaço em minha vida, até que se tornaram plenitude absoluta. O que era apenas lazer se tornou profissão”

Irahy Leite

Título: **A Era de Aquário**
Artista: Irahy Leite
Técnica: Têmpera sobre estuque
Dimensões: 1,40m x 1,40m
Ano: 1999
Doador: Armando Roberto Holanda Leite





Título: **Espiral do tempo**

Artista: Iracy Leite

Técnica: Têmpera sobre estuque

Dimensões: 0,30m x 2,20m

Ano: 1999

Doador: Armando Roberto Holanda Leite

Assis Marinho

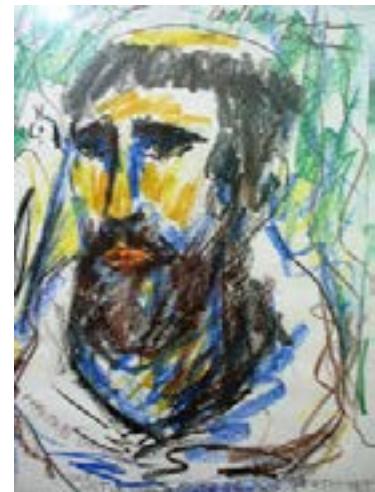


Assis Marinho nasceu em Cubati, no sertão da Paraíba, e veio para o Rio Grande do Norte ainda menino com a família, fugindo da seca. Seu pai, Walfredo Marinho, era santeiro profissional; fazia santos de madeira e barro. E tocava sanfona. Talvez daí tenha Assis Marinho herdado o pendor para a arte. O artista afirma ter sido vocacionado para a pintura, pois desde os quatro anos costumava pintar a carvão nas calçadas por onde passava. Sua formação, contudo, é inteiramente autodidata.

Os quadros do artista, em giz de cera, aquarela ou óleo, representam geralmente a memória dos anos em que vivenciou a seca no sertão do Seridó. São iconografias do sofrimento, cenários líricos da infância, registros da religiosidade do povo e do trabalho dos pescadores. “Conheci a amargura da fome de forma miserável. Desenhava nas feiras das cidades vizinhas para aumentar um pãozinho a mais em nossa mesa”, recorda.

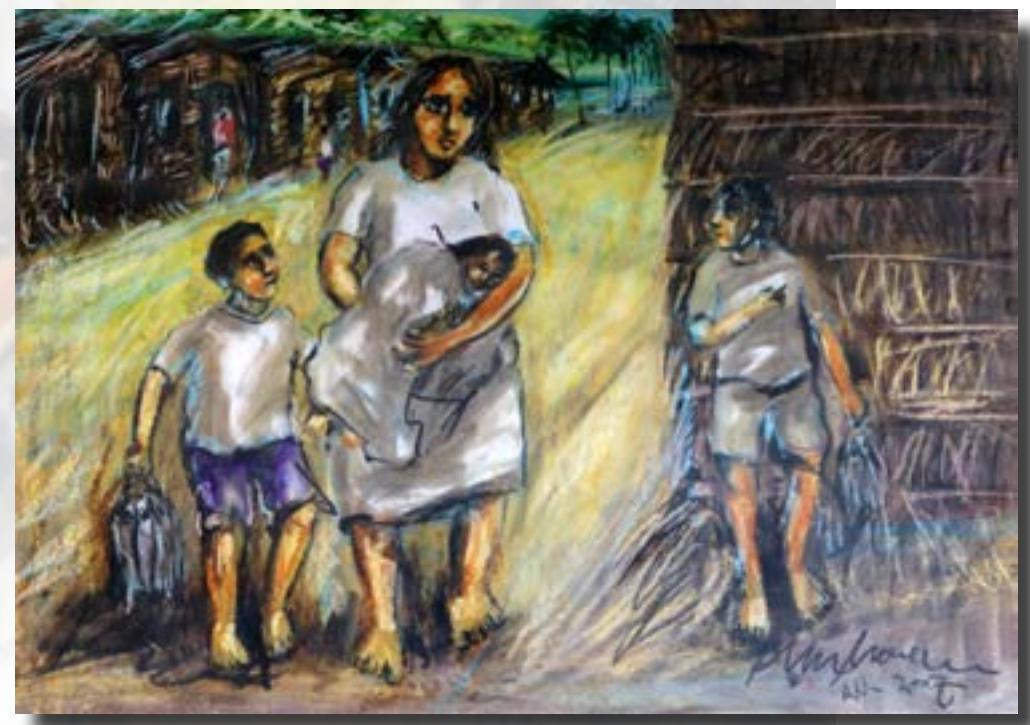
“Nas pinturas de Assis, os agricultores são retratados em momentos de fé e trabalho, como se representassem uma imagem do artista e de sua família no tempo em que sua mãe, Luzia Jacinto de Medeiros, cuidava das crianças e da lavoura de feijão”, escreveu sobre A.M. o jornalista Alex Gurgel.

Assis Marinho já realizou várias exposições, individuais e coletivas, dentro e fora do Brasil, em países como Portugal, Espanha e Itália. Sua obra regionalista encanta pela simplicidade do motivo e pela singeleza da inspiração.





Título: **A caminho**
Artista: Assis Marinho
Técnica: Pastel seco sobre cartão
Dimensões: 0,70m x 1,40m
Ano: 2007
Doador: Armando Roberto Holanda Leite



Vagner Autuori



Vagner Autuori nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Filho de natalense, há 13 anos encontra-se radicado em Natal. Começou a pintar aos 9 anos e realizou ao longo de mais de 30 anos de carreira exposições em países da Europa, América Latina e América Central, a exemplo de França, Espanha, Portugal, Alemanha, Japão, Argentina e Estados Unidos. Suas obras guardam influência do impressionismo e do modernismo, sempre realizadas a espátula, em óleo sobre tela.

O Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte recebeu em dezembro de 2019, na esplanada da sede da instituição, uma exposição do artista intitulada “Na arte tudo se cria”. Além de apreciar as peças expostas, os visitantes puderam acompanhar *in loco* o processo criativo de Autuori, que pintou ao vivo algumas das telas da mostra, ao longo do evento. Uma das características desse artista é pintar quase sempre a partir da imaginação, sem utilizar referências visuais.

Uma exceção a esse princípio foi a pintura que o artista doou ao TRE-RN, realizada durante a diplomação dos candidatos eleitos no pleito de 2018.





Título: Diplomação dos eleitos

Artista: Vagner Autuori

Técnica: Óleo sobre tela

Dimensões: 0,70m x 1,40m

Ano: 2018

Doador: Vagner Autuori

Iaperi Araújo



Iaperi Araújo realizou dezenas de exposições individuais e centenas de mostras coletivas ao longo da carreira, iniciada em 1963, quando ainda era estudante. Chegou a expor alguns de seus trabalhos, pequenas telas exemplares da boa arte naif, inclusive na Alemanha.

Nascido em 1946, em São Vicente (RN), Iaperi, que se aposentou como professor da UFRN, é médico, crítico de arte, desenhista, gravador, romancista, contista e poeta. Escreveu mais de 76 livros, alguns deles sobre medicina popular e folclore. Entre as publicações de Iaperi estão *Ingrisia: a medicina na língua do povo*, *Angico 1938*, *Chão de Epidauro*, *O mensageiro del rey*, *Os habitantes do sonho*, *Elementos da arte popular*, *Uma pintora popular* e *Auto do guerreiro*.

Seus quadros, bem como sua arte em geral, têm como tema central a cultura nordestina (danças, autos, costumes, religiosidade) e procuram consolidar uma iconografia mística particular, fundada em elementos da pintura ingênuas, apropriando-se com mestria da forma, das cores e dos motivos de inspiração popular. Em 1994, o artista foi destaque na Bienal Naif de Piracicaba, no módulo “Mestres do Brasil”.

O movimento de renovação das artes plásticas do RN ocorrido a partir da década de 1960 contou com a participação de Iaperi, que integrou o grupo dos “novíssimos”, formado por Carlos José, Dailor Varela, Marcos Silva, Walter Varela, Marcos Sá e Olavo Medeiros. Esses importantes artistas sucederam, no cenário regional das artes plásticas, nomes como Dorian Gray e Newton Navarro, do final da década de 1940, e Leopoldo Nelson, Thomé Filgueira, Túlio Fernandes e Iaponi Araújo (irmão de Iaperi), do final da década de 1950.



“Em tudo que faz, laperi guarda o sentimento da terra, os valores das tradições populares, mitos, alumbramentos. Médico, amplia sua área de atividade escrevendo sobre medicina popular com a mesma coerência norteadora de sua cultura abrangente. Escritor, revela-se o poeta das canções do povo, numa recriação de velhos temas da tradição oral. Pintor, valoriza os milagres, os contos, as relíquias da devoção popular, com quadros miniaturizados, narrativos de promessas e graças alcançadas. Conhecedor da cultura do povo, dela nunca se afastando, laperi desenvolve toda a sua temática, toda a sua potencialidade na apreensão das vertentes dessa cultura rica em imagística, surpreendente na sua milenar transmissão de verdades, gênese de sua própria formação. [...] Na pintura a óleo, registra os milagres não só como pintor, mas vai além, contando o ‘causo’ do milagre, a ‘graça’ alcançada, por meio da palavra, *post scriptum*, notícia, confirmação, constatação.”

Dorian Gray

Título: **Menina-Flor**
Artista: laperi Araújo
Técnica: mista
Dimensões: 0,15m x 0,21m
Ano: 1969
Doador: Armando Roberto Holanda Leite



Iaponi de Araújo



Iaponi de Araújo nasceu em São Vicente (RN), em 1942, e faleceu em 1996, no Rio de Janeiro. Foi pintor, desenhista e ilustrador autodidata. Viveu em Londres entre os anos de 1970 e 1972. Realizou ao longo da carreira 19 exposições individuais e 21 coletivas, no Brasil e em países como Uruguai, Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Suíça.

Luís da Câmara Cascudo anota que Iaponi foi uma das mais espontâneas e vivas expressões da pintura brasileira (de uma geração à qual o folclorista chamou de “vanguarda vital”), ao realizar simultaneamente *imaginação*, pela escolha motivadora, elaboração mental no plano interpretativo e eleição dos processos de técnica pictórica, e *documentação*, pela transmissão imediata e fiel de um aspecto característico da cultura popular do Brasil. Para o folclorista, Iaponi mantinha fidelidade ao “pormenor distintivo, ao ornato típico, à minúcia saliente”, e seria “um pintor das cores sonoras, ardentes, tropicais, da emoção coletiva”.

O crítico de arte Roberto Pontual afirmou que a pintura de Iaponi foi desde logo marcada pelo fato de o artista haver “nascido e vivido numa região de muita evidência do comportamento arcaico, riquíssima em artesanato popular e manifestações folclóricas”. Disse ainda que Iaponi, ao participar, em 1962, da organização do Museu de Arte Popular de Natal, começou a observar as formas e os ritmos visuais dos autos populares (congos de calçola, ararunas, bois-calembas), então em decadência, interessando-se por documentá-los em desenhos e pinturas, mas já na fase seguinte abandona o regionalismo mais superficial em favor do refinamento formal de uma outra fonte popular: a narrativa fantástica e a iconografia da literatura de cordel. A prática anterior – de registro do vestuário, instrumentos, coreografia, arquitetura, flora e fauna – servira apenas como ponto de partida para a recriação de uma nova “fantasia cenográfica”.



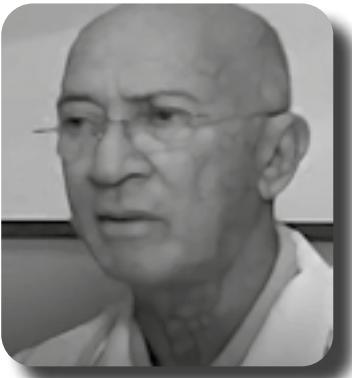
“A Iaponi interessava o enriquecimento cromático das cenas, como se cada área ou detalhe de cor, tratada sempre em simplificação, viesse a estabelecer o tom narrativo-emocional adequado, intensificando a ação no seu clímax em suspenso.”

Roberto Pontual

Título: **Tropical**
Artista: Iaponi de Araújo
Técnica mista
Dimensões: 0,15m x 0,21m
Anos: 1968-1969
Doador: Armando Roberto Holanda Leite



Túlio Fernandes



Túlio Fernandes de Oliveira Filho, médico e artista visual, nasceu em João Pessoa (PB) em 1938. Realizou nove exposições individuais, a primeira em 1957, e participou de outras 11 mostras coletivas. Criou obras sofisticadas que apresentam em geral, como técnica, a tinta acrílica sobre tela, com a realização daquilo que em arte se pode chamar de “fatura limpa”, que consiste na aplicação mais diluída, larga e linear da tinta, resultando num esfumado de cores de baixa saturação, de tal modo que se percebe na tela mais o campo de cor do que a pincelada, a ponto de o observador identificar em determinados pontos da obra um registro quase fotográfico da paisagem ou do motivo. É, portanto, uma pintura menos “matérica”, mais elaborada, de grande sentido plástico e beleza.

O Teatro Alberto Maranhão recebeu no ano de 2016 uma das mais significativas exposições do pintor, uma retrospectiva com 45 trabalhos selecionados sob a curadoria do artista plástico Vicente Vitoriano, intitulada “Similitudes”, promovida pelo Sesc-RN. A respeito dessa mostra, disse o então presidente do Sistema Fecomércio, Marcelo Fernandes Queiroz: “Apreciar as obras de Túlio Fernandes é um grande privilégio. Trata-se de um artista de toques refinados e conceitos que são, ao mesmo tempo, encantadores e intrigantes”.

A temática variada de Túlio Fernandes, cuja amplitude vai do regional ao universal, desenvolve-se entre a figuração e a abstração, mas sempre com obras profundamente plásticas, intensas, reflexivas, seja no uso dos tons neutros, cromáticos, seja na aplicação do colorido harmônico e equilibrado.

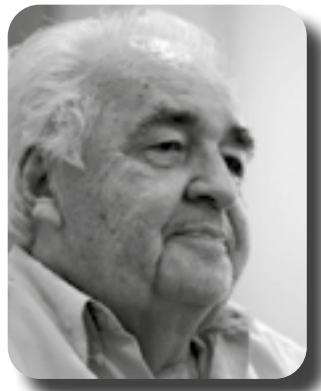


“As obras de Túlio Fernandes transmitem, com seu mundo colorido, a sensação permanente de que seus personagens e objetos são parte de um cortejo que se desloca diante de nossa alma e de nossos olhos estarrecidos por tanta beleza.”

Marconi Marinho

Título: **Dunas**
Artista: Túlio Fernandes
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensões: 0,60m x 0,60m
Ano: 1993
Doador: Rubélia & Marli Bahia





Dorian Gray

Dorian Gray – pintor, desenhista, escultor, ceramista, tapeceiro, poeta e ensaísta – nasceu em Natal em 1930 e faleceu em 2017, aos 86 anos. Estreou como pintor em 1950, no 1º Salão de Arte Moderna de Natal, e juntamente com Newton Navarro e Ivon Rodrigues introduziu o modernismo no Rio Grande do Norte, contribuindo assim para a renovação das artes plásticas em solo potiguar. Iniciou sua atividade como retratista, mas logo passou à figuração estilizada e à arte modernista de vanguarda, influenciado por Portinari.

O nome do artista foi inspirado no emblemático personagem de *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, cuja narrativa se dá justamente em torno dos mistérios de uma obra de arte.

A rotina dos trabalhadores do mar, os casarios de Natal, os barcos pesqueiros, a vida nos mangues e as praias ao entardecer foram seus principais temas. Atuou como assessor da Secretaria de Educação e Cultura e diretor do Teatro Alberto Maranhão nos anos de 1967 e 1968, além de ter sido conselheiro da Fundação José Augusto em 1974. Também dirigiu a Escolinha de Artes Cândido Portinari. Foi professor de desenho no tradicional colégio Atheneu. O próprio Dorian afirmava haver produzido mais de dez mil trabalhos ao longo da carreira, entre pinturas a óleo, gravuras, bicos-de-pena, desenhos, painéis, esculturas e tapeçarias. O artista mantinha inclusive um ateliê com uma equipe de assistentes dedicada a ajudá-lo na confecção de suas peças de tapeçaria. Trabalhava ouvindo música. Uma de suas paixões era o canto. Dizia-se que tinha bela voz e nutria especial admiração pelo cantor Orlando Silva. Entre as vozes da atualidade, admirava Marisa Monte.

A UFRN deu ao artista, em 2008, o título de Doutor Honoris Causa. Ele conquistou ainda uma cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL) e sociedade no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), além de ter recebido prêmios importantes, como a medalha de ouro no Grand Prix da Bélgica (1997) e diplomas no 20º, 21º e 23º Salão Internacional de Revin, na França, nos anos de 1992, 1993 e 1995.



"Compreende-se que Dorian Gray, pintor e desenhista, enfrentando a composição, tenha a vocação pictórica pela realidade brasileira, incapaz de deformá-la, mutilá-la, sob pretexto de interpretação pessoal. Esses sentimentos, profundos, obscuros, radiculares na permanência mental, ascendem no impulso irresistível da espontaneidade, constituindo uma anticlinal, uma figura coletiva, palpitante e lógica, na personalidade do artista (*the creator of beautiful things*). A emoção duplica os temas da modelagem impressionista, numa diplegia geradora de imagens de assombro e verdade".

Luís da Câmara Cascudo



Título: **Autos do Natal**
Artista: Dorian Gray
Técnica: Livro impresso de desenhos a nankim
Formato: 0,50 m x 0,33m
Ano: 1973
Doador: Armando Roberto Holanda Leite



Demétrius Coelho



Demétrius Coelho é um escultor potiguar com 30 anos de atividade. Seu trabalho transita do figurativo ao geométrico e do abstrato ao estilizado, com esculturas cujas superfícies são em geral polidas. Seu material é a madeira, o aço corten e o mármore.

Herdeira do construtivismo e do surrealismo, a criação equilibrada de Demétrius dialoga com os espaços abertos da arquitetura contemporânea, aos quais o universo escultórico do artista acrescenta objetos tridimensionais como forma de permitir que o observador faça “releituras” dos cenários e acrescente novos significados aos ambientes.

Demétrius mostrou seu trabalho inicialmente em Lisboa, em 1989, a convite da Galeria Interni, tendo ainda exposto no mesmo período na II Bienal de Escultura e Desenho, em Caldas da Rainha, e na II Mostra Internacional de Escultura ao ar livre, em Amadora (Portugal). O artista também participou de exposições em galerias da Itália, Bélgica e Suíça. Seu trabalho está presente em muitas das principais cidades do Brasil, principalmente nas capitais.

Demétrius é um artista original que possui pleno domínio da técnica escultórica e cultiva a sensibilidade exigida de quem se dedica integralmente à arte. O escultor expõe permanentemente seus trabalhos em sua própria galeria, em Natal, na rua Seridó nº 493, no bairro Petrópolis.

No ano de 2018, Demétrius realizou na sede do TRE-RN a exposição “Formas em movimento”, com 23 peças em mármore, madeira e aço corten. Na ocasião, o artista assim se manifestou: “É prazeroso expor em uma instituição como o Tribunal Eleitoral, que possui um espaço fantástico, com um pé direito de mais de dez metros, o que favorece a disposição das peças”.



“Demétrius é um artista talhado para o sucesso, pois possui humildade e simplicidade – características conferidas aos grandes mestres. Seu jeito de ser é observador e atencioso com as pessoas que o rodeiam. Excentricidade nenhuma, somente seu talento mágico para dar vida às pedras e aos materiais inertes. Um artista disciplinado que trabalha com profissionalismo e compromisso com seus clientes e os admiradores de sua obra.”

Galeria de Arte B-612

Título: **Coração**
Artista: Demetrios Coelho
Técnica: Mármore cinza esculpido
Dimensões: 0,50m (altura) / 2.744m³
Ano: 2019
Doador: Demetrios Coelho



Flávio Rezende



Flávio Rezende é natalense. Fotógrafo premiado, realizou várias exposições individuais e coletivas ao longo da carreira. É também produtor cultural, jornalista e poeta. Publicou 27 livros em diversos gêneros literários. Pai devotado, é fundador da Casa do Bem e dos blocos carnavalescos Cores de Krishna, Burro Elétrico e Giro Geral. Tem atuação destacada em diversas áreas culturais do Rio Grande do Norte.

Trabalhou em televisão e jornal impresso, exercendo as mais variadas funções nesses veículos tradicionais, a exemplo da TV Universitária e TV Tropical. Foi titular da coluna “Giro Geral”, do *Diário de Natal*; na área da publicidade, dirigiu a Alto Astral Publicidade e Eventos.

Está aposentado da coordenação do setor de Comunicação do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

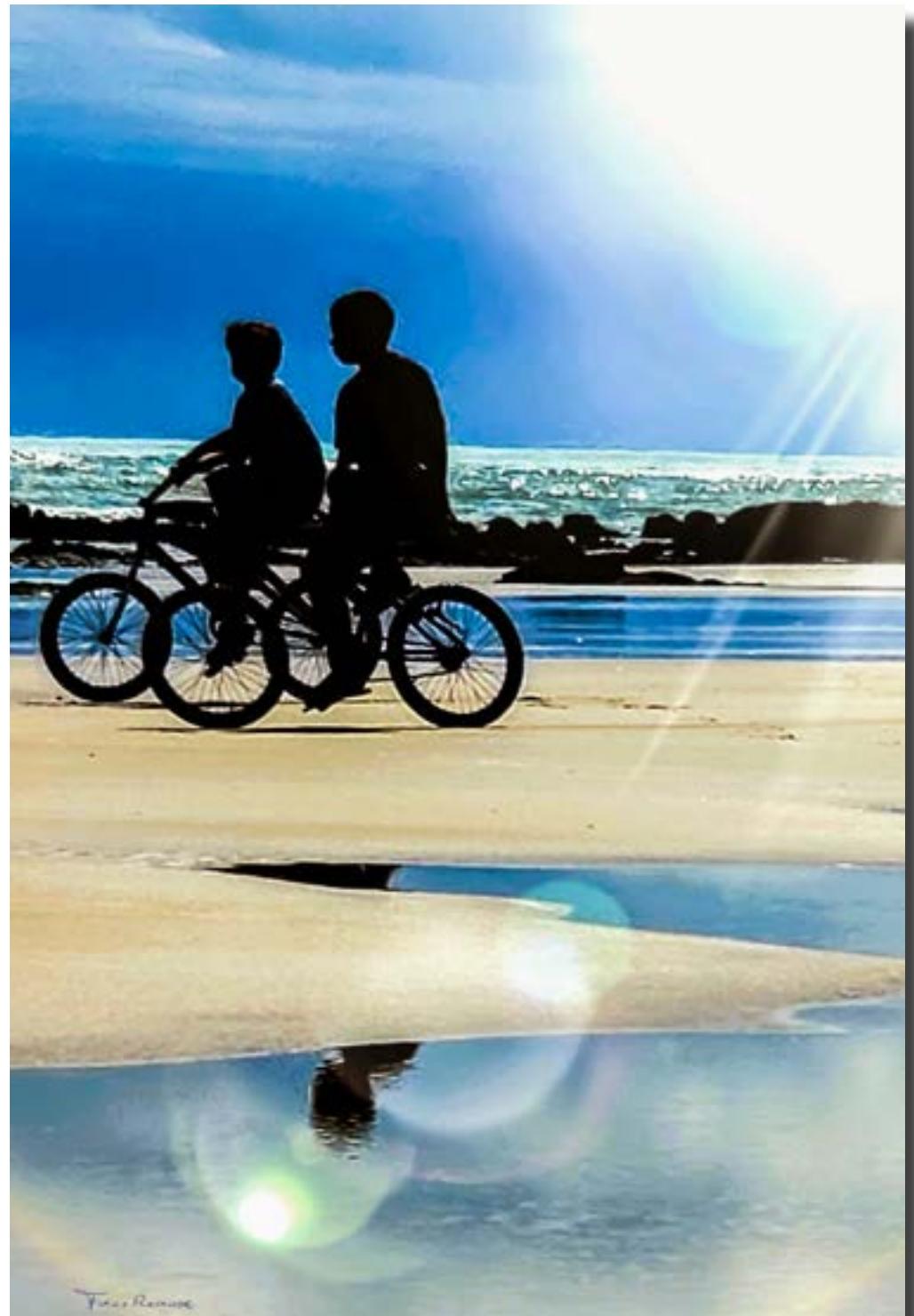


“Quando mergulhamos no mundo do amor à fotografia, passamos a ver a vida de maneira diferente. O olhar usual, normalmente utiliza sua funcionalidade para evitar acidentes corriqueiros, dominar percursos, ultrapassar barreiras, obter prazer relativo.

O fotógrafo apaixonado vê cada flor, paisagem, ângulo interessante, detalhe, luz, movimento, como algo a ser valorizado.”

Flávio Rezende

Título: **Parceria**
Fotógrafo: Flávio Rezende
Técnica: Fotografia impressa sobre papel telado
Dimensões: 0,30m x 0,45m
Doador: Flávio Rezende



Canindé Soares



Canindé Soares foi fotógrafo da *Tribuna do Norte*, da revista *Caras* e da *Nova Escola*, e teve trabalhos publicados nos principais jornais e revistas do país e em veículos internacionais, como a *VG Net* (Noruega) e *ES Magazine* (Inglaterra).

Em dezembro de 2019, este profissional da imagem lançou na Capitania das Artes seu quinto livro de fotografias, intitulado “Litoral do RN”, em edição bilingue, com 149 fotos que apresentam ângulos inusitados de Natal, Extremoz, Ceará-Mirim, Rio do Fogo, Touros, São Miguel do Gostoso, São Bento do Norte, Caiçara do Norte, Parnamirim, Nísia Floresta, Tibau do Sul, Canguaretama, Baía Formosa, Galinhos, Guamaré, Macau, Porto do Mangue, Areia Branca, Grossos e Tibau”.

Aprovado pela Lei Municipal de Cultura Djalma Maranhão, o livro obteve patrocínio da Potiguar Turismo e apoio do governo do Estado e das prefeituras de Natal, Macau e Parnamirim, além de incentivo de organizações privadas.

“Litoral do RN” foi prefaciado pela cientista social Sylvana Kelly, que desenvolveu tese de doutorado em torno das fotografias de Canindé, sob o título: “As narrativas fotográficas de Canindé Soares: entre o turismo e a devoção”.

Premiado, conhecido e ativo nas redes sociais, Canindé nasceu em São Bento do Trairi, tendo-se iniciado na fotografia no fim dos anos 1970, fazendo a cobertura de casamentos e aniversários, entre outros eventos sociais. Com mais de 40 anos de experiência, foi subeditor de fotografia do jornal *Tribuna do Norte*, de Natal, e traz em seu currículo honrarias como o título de cidadão natalense e o Prêmio Abril de Jornalismo.

É do fotógrafo o maior acervo de fotografias do RN na internet, publicado no endereço virtual www.csfotojornalismo.net.





Título: **Azul da cor do mar**
Fotógrafo: Canindé Soares
Técnica: Fotografia impressa sobre papel telado
Dimensões: 0,30m x 0,45m
Doador: Canindé Soares

João Raimundo (Jotaray)



João Raimundo é designer gráfico e fotógrafo. Servidor do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte, é responsável pelos trabalhos de criação visual do setor de publicações da instituição. A visão estrutural da página em branco que esse artista desenvolveu em sua atividade como diagramador decerto contribui para suas pesquisas no campo da fotografia, sobretudo para a incomum composição de cenário que ele realiza e o modo de registro da “atmosfera” dos ambientes, como também para a percepção plástica do contexto fotografado, ao qual JR atribui um conteúdo poético, orgânico, às vezes geométrico. Em seu trabalho, pode-se perceber uma certa profundidade contemplativa, uma organização algo pictórica, cuja “paleta” de cores, predominantemente lírica, é inconfundível.



“Considero a fotografia um constante diálogo e equilíbrio entre as decisões técnicas e estéticas, a intuição e a racionalidade, o acaso e o planejado, a experimentação e a certeza.”

João Raimundo (Jotarai)

Título: **Resiliência**

Fotógrafo: João Raimundo

Técnica: Fotografia impressa com tinta pigmentada mineral sobre papel branco de belas artes, 100% algodão, sem branqueadores ópticos e sem ácido

Dimensões: 0,42m x 0,59m

Ano: 2017

Doador: João Raimundo

Título: **Ao sabor das brisas**

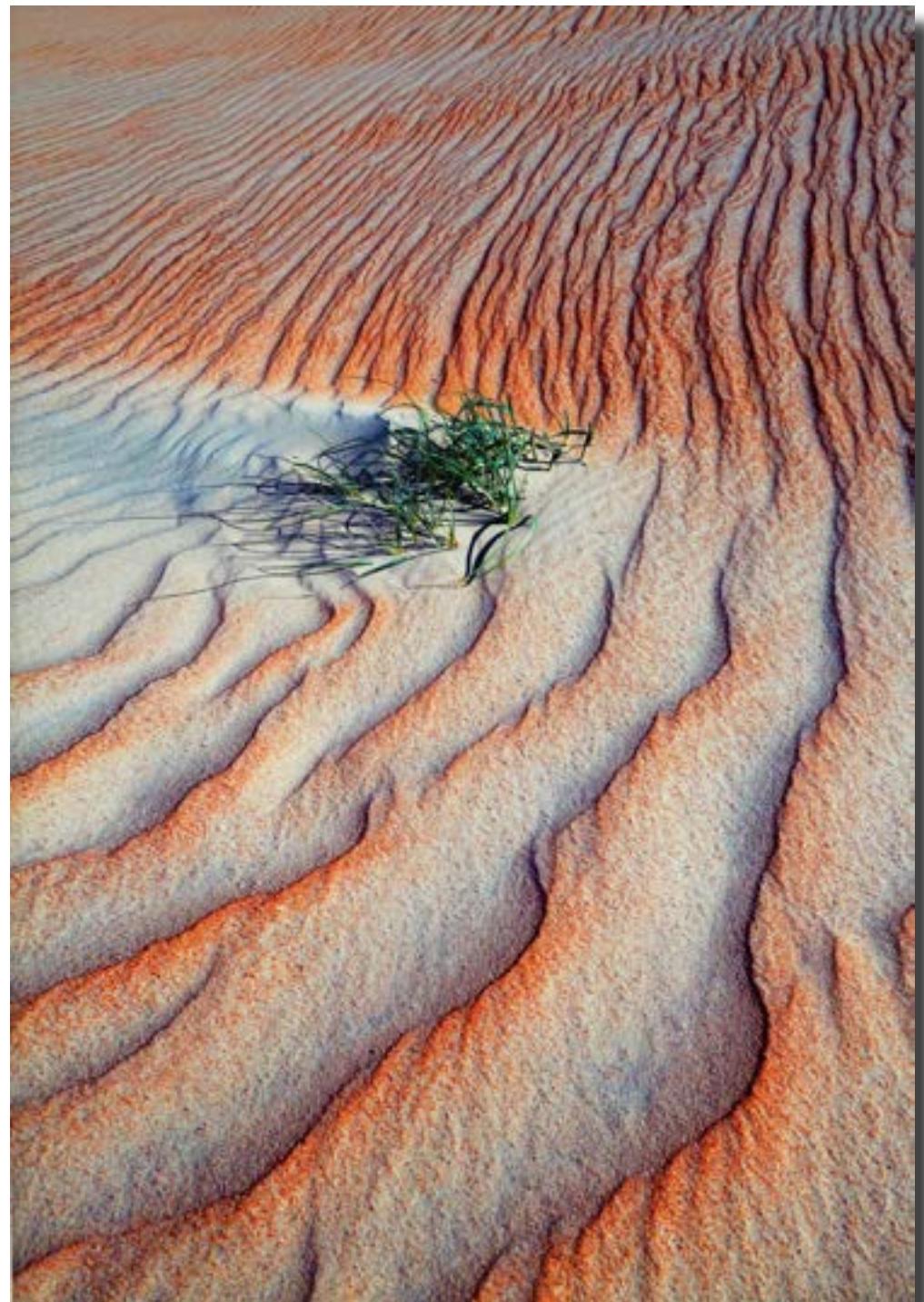
Fotógrafo: João Raimundo

Técnica: Fotografia impressa com tinta pigmentada mineral sobre papel branco de belas artes, 100% algodão, sem branqueadores ópticos e sem ácido

Dimensões: 0,42m x 0,59m

Ano: 2017

Doador: João Raimundo





**Este catálogo foi produzido pela Assessoria de Comunicação Social e
Cerimonial do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte, nas
tipologias Borest e Candara, em julho de 2020, em epílogo à gestão do
desembargador Glauber Rêgo.**